

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

**A barreira que a inclusão
não consegue romper
perpetua desigualdades »2**



CULTURA

**Entre a luz e a sombra,
dupla transforma espaço
em instalação na Ufes »4**



ARQUIVO PESSOAL

Variação da cesta básica aperta finanças em Vitória

Alimentos acumulam aumento de 14% entre os meses de janeiro e setembro de 2026; altas nos preços comprometem mais da metade do salário mínimo no ES »3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



FELIPE AFONSO

Até onde chegar, se nem dá para começar?

A sociedade conhece pouco as reais dificuldades das pessoas com deficiência. E, porque não conhece os problemas, aceita facilmente qualquer coisa como inclusão. Essa falta de informação chega a parecer conveniente: ajuda a vender a imagem de uma sociedade acolhedora, que está fazendo a sua parte. Mas basta olhar para a vida dessas pessoas para surgirem perguntas que esse discurso não responde.

Se existe uma Lei de Cotas para incluir pessoas com deficiência no mercado de trabalho, por que ainda existem tantas barreiras para que elas ocupem cargos de liderança? Por que parece tão normal contratá-las para funções mal remuneradas, sem perspectiva de crescimento, como se a deficiência já determinasse até onde podem chegar? Por que aceitar isso como se elas fossem naturalmente menos capazes?

É a esse lugar que a inclusão deveria levá-las?

Antes de celebrar contratações e divulgar campanhas bonitas, que tal mostrar também o que acontece fora da propaganda?

As crianças que têm a matrícula recusada em escolas por causa da deficiência, mesmo quando a família se dispõe a ajudar. As que conseguem entrar, mas depois são expulsas porque a escola não quer se adaptar. Os alunos surdos que passam em universidades federais, mas que abandonam o curso porque a instituição não

oferece os intérpretes de que precisam. As pessoas que perdem a audição e precisam escolher entre esperar anos por um aparelho auditivo pelo SUS ou pagar um valor que não cabe no orçamento.

E as pessoas com deficiência que vivem abandonadas em instituições precárias? E os números alarmantes de suicídio entre pessoas com deficiência? Onde essas pessoas aparecem nas campanhas sobre inclusão?

Talvez o problema não seja

apenas a quantidade de vagas reservadas em empresas. Talvez seja também a falta do mínimo para que essas pessoas consigam cuidar da saúde no que diz respeito à deficiência, estudar, se qualificar e desenvolver autonomia, para que tenham condições reais de alcançar seus objetivos, inclusive sem depender de uma vaga reservada para elas.

Como alguém vai disputar uma oportunidade se passou a vida inteira sem acesso ao que precisava para chegar até ela?

Como cobrar qualificação de quem foi deixado para trás desde a escola? E como falar em mérito sem olhar para essa diferença?

Enquanto a sociedade continuar fingindo que está tudo sob controle, esses problemas continuarão sendo empurrados para depois. Só que a vida das pessoas com deficiência está acontecendo agora. O tempo que se perde sustentando uma aparência de inclusão é o tempo que elas têm para viver.

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>
Impresso e digital diários

Contato:

bianca@eshoje.com.br/
27 99744-6251



Valor da cesta básica sobe 14% em Vitória em 2026

Após dois meses de queda, alimentos subiram em setembro; tomate e batata lideram altas

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

A cesta básica em Vitória acumula alta de 14,02% em 2026 e voltou a pesar mais no orçamento das famílias em setembro. O conjunto de alimentos essenciais chegou a R\$ 829,14, R\$ 39,14 a mais que em agosto, quando custava R\$ 790,00, o que representa aumento de 4,95%. Os dados são da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), em parceria com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

O preço subiu de janeiro a junho, quando atingiu R\$ 843,99, o maior valor do ano. Em julho, caiu 5,76% e, em agosto, recuou outros 0,67%. A trigua terminou em setembro: a cesta voltou a encarecer e ficou apenas R\$ 14,85 abaixo do pico de junho.

A alta acumulada de 14,02% considera dezembro de 2025, quando a cesta custava R\$ 727,22. Já em relação a janeiro deste ano, quando o valor era de R\$ 742,85, o aumento até setembro foi de 11,61%. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, chegou a 11,29%.

112
HORAS E 32 MINUTOS

é o custo em trabalho a cesta básica em Vitória

Para o economista capixaba Sebastião Demuner, dois fatores ajudam a explicar a pressão sobre os preços: os custos da produção e as condições climáticas. “O custo de produção aumentou muito, principalmente com adubos e transporte, e isso acaba sendo repassado aos preços finais. Outra questão é o clima, com temperaturas que variam muito e prejudicam a produção. Quando se produz menos, a tendência é que os preços fiquem mais altos”, explica.

TOMATE E BATATA PUXAM ALTA

Dos 13 produtos pesquisados, nove ficaram mais caros. O tomate liderou os aumentos, com 36,41%, seguido pela batata, com 31,55%. Também subiram o arroz (7,35%), o óleo de soja (2,44%) e a carne bovina (1,32%). Em sentido contrário, houve queda nos preços da banana (-5,04%), do café em pó (-1,38%), do leite integral (-1,34%) e da farinha de trigo (-0,47%).

Demuner observa que o mercado de alimentos sofre oscilações frequentes, sobretudo no caso de produtos sensíveis à chuva e à temperatura. “Tomate e batata são produtos muito sensíveis ao clima. Se começa a chover demais em uma região produtora, a produção diminui e o preço sobe muito. É a lei da oferta e da procura”, afirma.

A sazonalidade também influencia os preços. Na safra, a maior quantidade disponível tende a baratear os produtos; na entressafra, a oferta menor pode provocar reajustes. Isso ajuda a explicar por que alimentos diferentes apresentam movimentos opostos no mesmo mês.

NÚMEROS

\$727,22

era o preço da cesta básica de Vitória em dezembro de 2025

\$742,85

valor pesquisado em janeiro/26; preço final alcançou o total de

\$829,14

em setembro, 14% a mais



ILUSTRAÇÃO/ESHoje

Preço dos alimentos pesquisados pelo Dieese no ES subiu em sete dos nove meses de pesquisa

Peso sobre a renda

COM O salário mínimo de R\$ 1.621, a cesta de setembro representou mais da metade da remuneração líquida de um trabalhador que recebe o piso nacional. Segundo o Dieese, foram necessárias 112 horas e 32 minutos de trabalho para comprar os alimentos pesquisados. Considerado o desconto previdenciário de 7,5%, a despesa comprometeu 55,30% do salário líquido, contra 52,69% em agosto.

O restante precisa cobrir despesas como aluguel, energia, transporte, medicamentos e outros itens de alimentação que não entram na pesquisa. Para Demuner, o impacto é desigual. “Quem sai mais prejudicado são as pessoas que recebem salários menores. Elas são muito mais sacrificadas do que as pessoas de maior poder aquisitivo, porque precisam deixar de comprar outras coisas para conseguir adquirir os produtos da cesta básica”, diz.

Na tentativa de reduzir os gastos, o economista recomenda comparar preços entre estabelecimentos, priorizar alimentos da estação e substituir itens que ficaram caros. “A sugestão é pesquisar, comprar



ILUSTRAÇÃO/ESHoje

Cesta básica no ES custa mais da metade do salário mínimo

produtos da época, da safra, e substituir aqueles que estão mais caros por outros mais em conta. Isso precisa virar uma rotina das famílias”,

Sazonalidade influencia. O tomate e a batata são produtos muito sensíveis ao clima

Sebastião Demuner, economista

Clima causa incerteza sobre preços até dezembro

APESAR DA produção capixaba de hortifrutigranjeiros, parte dos alimentos consumidos no Espírito Santo vem de outras regiões. Por isso, o custo do transporte, dos combustíveis e dos insumos agrícolas também interfere no preço pago pelos consumidores locais.

Quanto aos próximos meses, Demuner evita prever uma trajetória definida. Ele cita a possibilidade de efeitos do El Niño sobre a agricultura, caso o fenômeno provoque extremos de temperatura e chuva. “É difícil cravar o que vai acontecer daqui para frente. Existe a expectativa de um El Niño forte, que pode afetar a agricultura e os preços da cesta básica, mas também existe a possibilidade de que seja um período mais curto. É preciso aguardar”, avalia.

Até lá, a recomendação é acompanhar os preços a cada compra: a queda de um alimento nem sempre significa alívio no valor total da cesta.



DIVULGAÇÃO

“O custo da produção subiu muito, especialmente com adubos e transporte”

Sebastião Demuner, economista

Elvys Chaves e Carlo Schiavini expõem na Ufes

Duo capixaba apresenta instalação interativa que alia metal, luz e sombra no Museu Vale

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Uma estrutura de tubos de alumínio anodizado percorre a parede da galeria em linhas retas e curvas rigorosamente calculadas. Quando a iluminação incide sobre a superfície metálica, surgem projeções sombreadas que jamais se repetem: o desenho projetado transforma-se dinamicamente a cada passo dado pelo observador. É assim que se constrói *Introconexão*, obra inédita criada pelos artistas Elvys Chaves e Carlo Schiavini para a exposição coletiva *Passagem*, em cartaz até o dia 30 de outubro na Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu), no campus da Ufes, em Vitória.

A mostra reúne artistas selecionados pelo Edital Convocatória de Programação Museu Vale 2026 e convidados da cena capixaba, sob curadoria de Isabella Baltazar. Múltiplas linguagens — como fotografia, vídeo, escultura, performance e instalação — ocupam o espaço expositivo sem hierarquias ou roteiros cronológicos rígidos, estimulando o atrito produtivo entre poéticas contemporâneas.

Elvys Chaves e Carlo Schiavini desenvolvem uma pesquisa

contínua sobre tridimensionalidade, materiais industriais, manufatura digital e fabricação de artefatos artísticos. A produção do duo navega entre a fisicalidade dos objetos e a fluidez dos ambientes virtuais.

Em seu currículo recente figuram projetos relevantes como *Jardim Cibernético 00.02.222* (apresentado na Bienal de Arte Digital, no Rio de Janeiro), a escultura *GEOESTRUTURACIBERNÉTICA* (instalada no Parque Cultural Casa do Governador, em Vila Velha) e a mostra *Wifi grátis* (ou *intromissão*) (exibida no Museu de Arte do Espírito Santo).

Em *Introconexão*, essa investigação ganha corpo enxuto e sintetizado. Sem recorrer a telas ou dispositivos tecnológicos visíveis, a instalação depende exclusivamente do metal, da luz ambiente e do deslocamento do público. A sombra atua como uma camada plástica adicional, que só ganha existência na relação direta entre a estrutura física e a movimentação do visitante.

A obra estabelece um diálogo imediato com pesquisas anteriores da dupla sobre a ocupação invisível do espaço. Se em trabalhos passados as redes digitais eram tratadas como presença imaterial, em *Introconexão* essa força ganha volume, linha e contorno físico. O título sugere uma conexão voltada para dentro do próprio corpo, convidando a uma experiência sensorial no espaço da galeria.

Na entrevista a seguir, Elvys Chaves detalha os processos criativos do duo e discute as pontas de contato entre tecnologia, espaço e tridimensionalidade.

ES Hoje: Como nasceu *Introconexão*?

Elvys Chaves: A gente queria pensar a conexão como algo que atravessa o espaço, quase como um traçado de rede que sai da tela e vai para a parede. Os tubos de alumínio anodizado têm essa qualidade de linha, de percurso. E a sombra veio como parte do desenho: a obra não termina no metal, ela continua no que a luz faz com ele.

O trabalho de vocês costuma unir o físico e o digital. Onde está o digital em obra feita de alumínio e luz?

Está no processo e na lógica. Muito do que fazemos passa por modelagem e fabricação



Dupla capixaba e a instalação que utiliza a luz e a sombra que a estrutura do metal para produzir arte

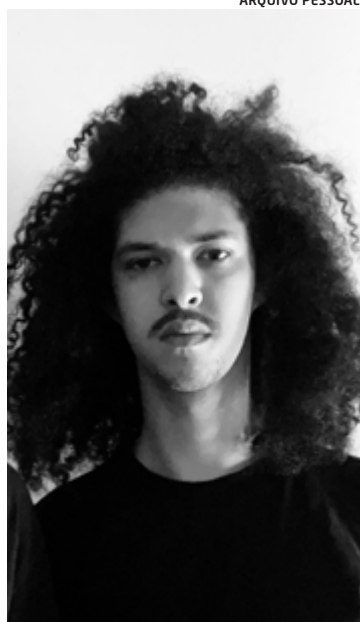
digital antes de virar matéria. Em *Introconexão*, mesmo sem tela, existe essa ideia de uma camada que só aparece na interação. A sombra que muda com o visitante funciona um pouco como uma interface: depende de quem está ali, de onde está, de como se move. É uma obra que nunca aparece igual para duas pessoas.

Como é estar numa mostra que aproxima linguagens tão diferentes, sem uma narrativa única?

É muito rico. A curadoria da Isabella deixou as obras conversarem por proximidade, não por tema fechado. Isso cria passagens entre trabalhos que, em outro contexto, talvez nunca se encontrassem. Para a gente, que trabalha justamente na fronteira entre materialidades, faz todo sentido. E expor na galeria da Ufes, um espaço universitário, também aproxima o trabalho de um público que está em formação, pesquisando, fazendo perguntas.



A estrutura de tubo de alumínio anodizado exposta no Museu Vale



ARQUIVO PESSOAL

“A sombra funciona como interface: depende de quem está ali, de onde está, como se move”